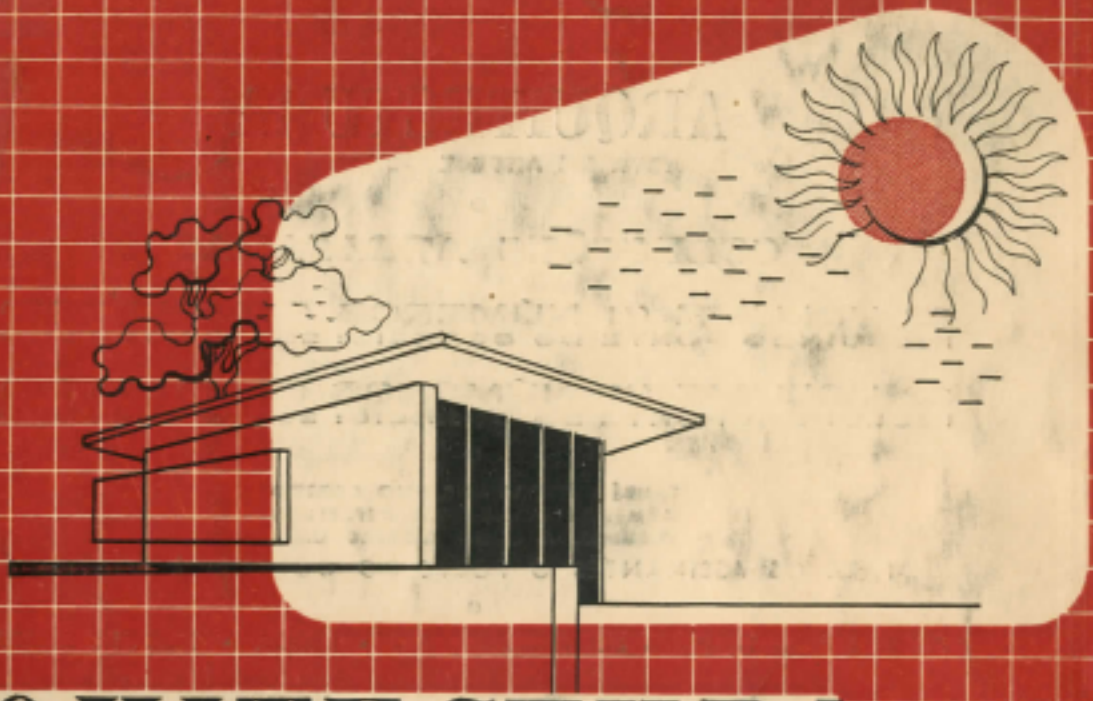


ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

20

7$50

ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

•

COLECÇÕES ATRASADAS

2.º VOLUME (11 NÚMEROS COMPLETOS)
INCLUINDO PORTE DO CORREIO: 32$00 ESCUDOS

3.º VOLUME (13 NÚMEROS COMPLETOS)
INCLUINDO PORTE DO CORREIO: 38$00 ESCUDOS

•

TAMBÉM ENVIAREMOS PELO CORREIO NÚMEROS AVULSO DOS REFERIDOS VOLUMES, A 3$00 ESCUDOS CADA

PARA OS ASSINANTES O PORTE DO CORREIO É GRATIS

•

PEDIDOS PARA TRAVESSA DO SEQUEIRO, 4-B • LISBOA • TELEFONE 2 4989

ETP

EMPRESA DE TIPOGRAFIA E PUBLICIDADE, LIMITADA

Ver e crer

CADA ASSUNTO VALE UM LIVRO

PUBLICIDADE E ARTES GRÁFICAS

•

ESCRITÓRIO E OFICINAS

T. DO SEQUEIRO, 4-B · TELEF. 2 4989 • END. TELEG. ETEPEL • LISBOA

ARQUITECTURA

REVISTA DE ARTE E CONSTRUÇÃO

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: F. PEREIRA DA COSTA • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EMPRESA DE TIPOGRAFIA E PUBLICIDADE, LDA., T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA ADMINISTRAÇÃO (PROVISÓRIAMENTE): T. DO SEQUEIRO, 4-B, LISBOA • TELEF. 2 4869 ASSINATURAS: PORTUGAL E ESPANHA: 6 NÚMEROS, 52$00; 12 NÚMEROS, 80$00 COLÓNIAS PORTUGUESAS E BRASIL: 12 NÚMEROS, 100$00 • OUTROS PAÍSES: 12 NÚMEROS, 120$00 • AS ASSINATURAS, PAGAS ADIANTADAMENTE, INICIAM-SE EM QUALQUER NÚMERO

S U M Á R I O

DUAS PEQUENAS LOJAS EM LISBOA: A) TABACARIA ADAMASTOR, PÁGINA 5; B) CASA COTRIM, PÁGINA 7 • ESTUDO DE PINTURA MURAL, PÁGINA 9 • A NOVA GARE DE FLORENÇA, PÁGINA 11 • UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA FRANCESA, PÁGINA 16 • MALEITAS DA ARQUITECTURA NACIONAL: 3) O CLIENTE, AS LEIS E OS REGULAMENTOS, PÁGINA 17 • MORADIA NO ESTORIL, PÁGINA 19 • A CARTA DE ATENAS, PÁGINA 23

ANO XX • 2.ª SÉRIE • NÚMERO 20 • FEVEREIRO DE 1948

EDITORIAL

A realização do 1.º Congresso Nacional de Arquitectura, que terá lugar no próximo mês de Maio, não poderia deixar indiferente a nossa revista, criada e mantida fundamentalmente para pugnar pelo prestígio da Arquitectura e dos arquitectos em Portugal.

É, pois, com justificado interesse que acompanhamos a organização do Congresso e encaramos com a mais viva satisfação esta possibilidade de reunir, em grande número, os membro de uma classe tão carecida de debater os seus problemas.

Constantes dificuldades, de vária ordem, tornaram difícil o exercício da profissão aos nossos arquitectos, põem entraves ao florescimento de uma arquitectura progressiva, de elevada qualidade e expressão, e cremos que esta será uma oportunidade magnífica para esclarecer e definir as condições em que a sua acção, nos diversos sectores das actividades nacionais, se poderá exercer da maneira mais útil para o País. Estamos certos de que a classe dos arquitectos saberá abordar os dois temas escolhidos — «A Arquitectura no Plano Nacional» e «O Problema Português da Habitação» — com aquela segurança, aquele largo espírito de análise, aquela seriedade e aquela franqueza de que é capaz e de que já tem dado abundantes provas.

Sabemos que a Comissão Executiva do Congresso, constituída pelos arquitectos Cottinelli Telmo, presidente, Porfírio Monteiro, 1.º vogal, Miguel Jacobetty Rosa, 2.º vogal, João Guilherme Faria da Costa, tesoureiro, e Paulo de Carvalho Cunha, secretário geral, não se tem poupado a esforços para assegurar a esta primeira reunião magna dos arquitectos portugueses o maior brilhantismo e fazemos votos para que leve a cabo, com a mesma inteligência e a mesma tenacidade a honrosa mas pesada tarefa de que foi incumbida pela Assembleia Geral do Sindicato Nacional dos Arquitectos.

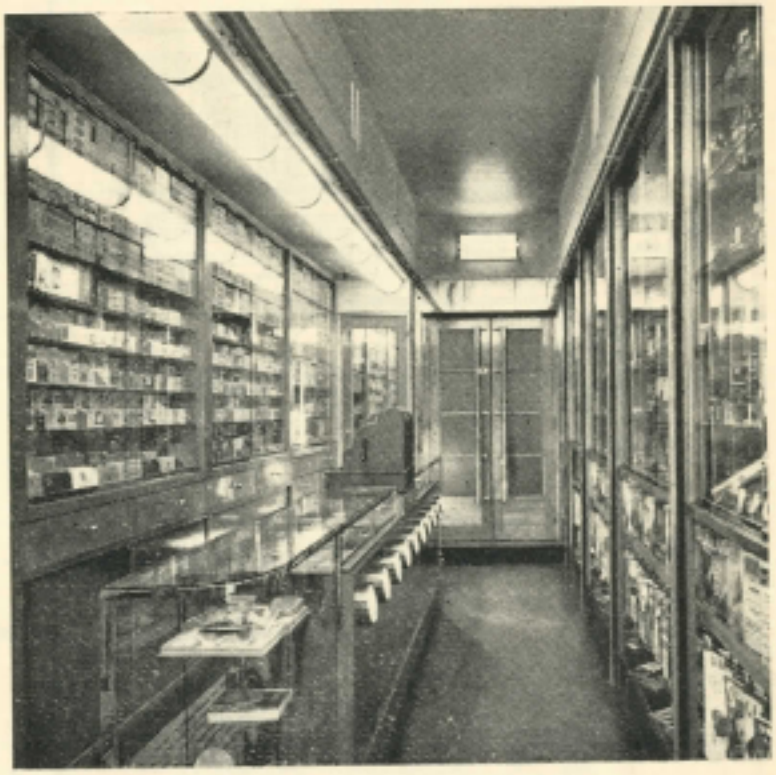
A VISITA DOS CLIENTES

... E AQUI: EM VEZ DESTA JANELA, FICA MELHOR UMA ARRECADAÇÃO.

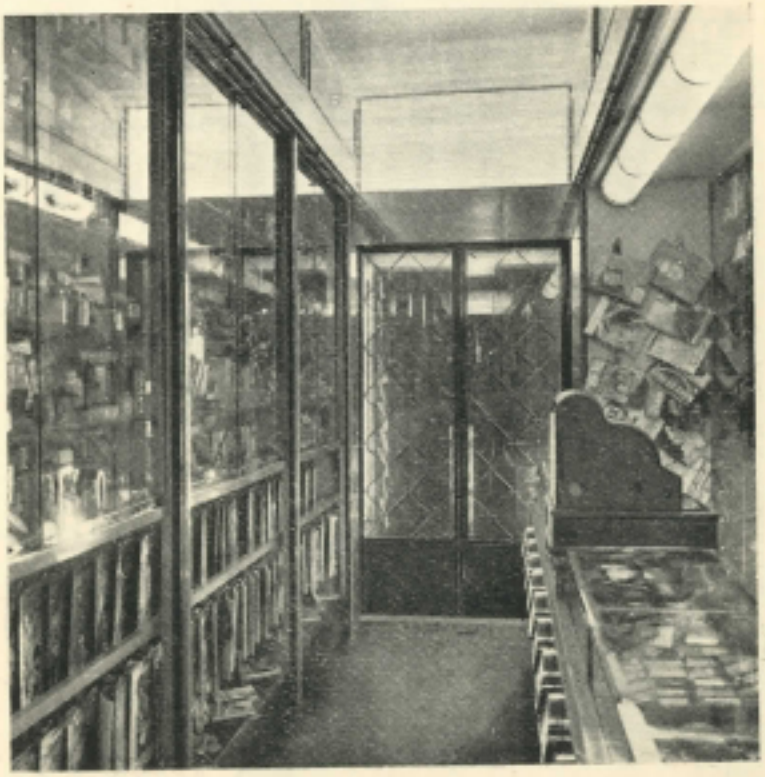
Especial para "Arquitectura", por João Abel

2 PEQUENAS LOJAS EM LISBOA

ARQUITECTO
ALBERTO PESSOA



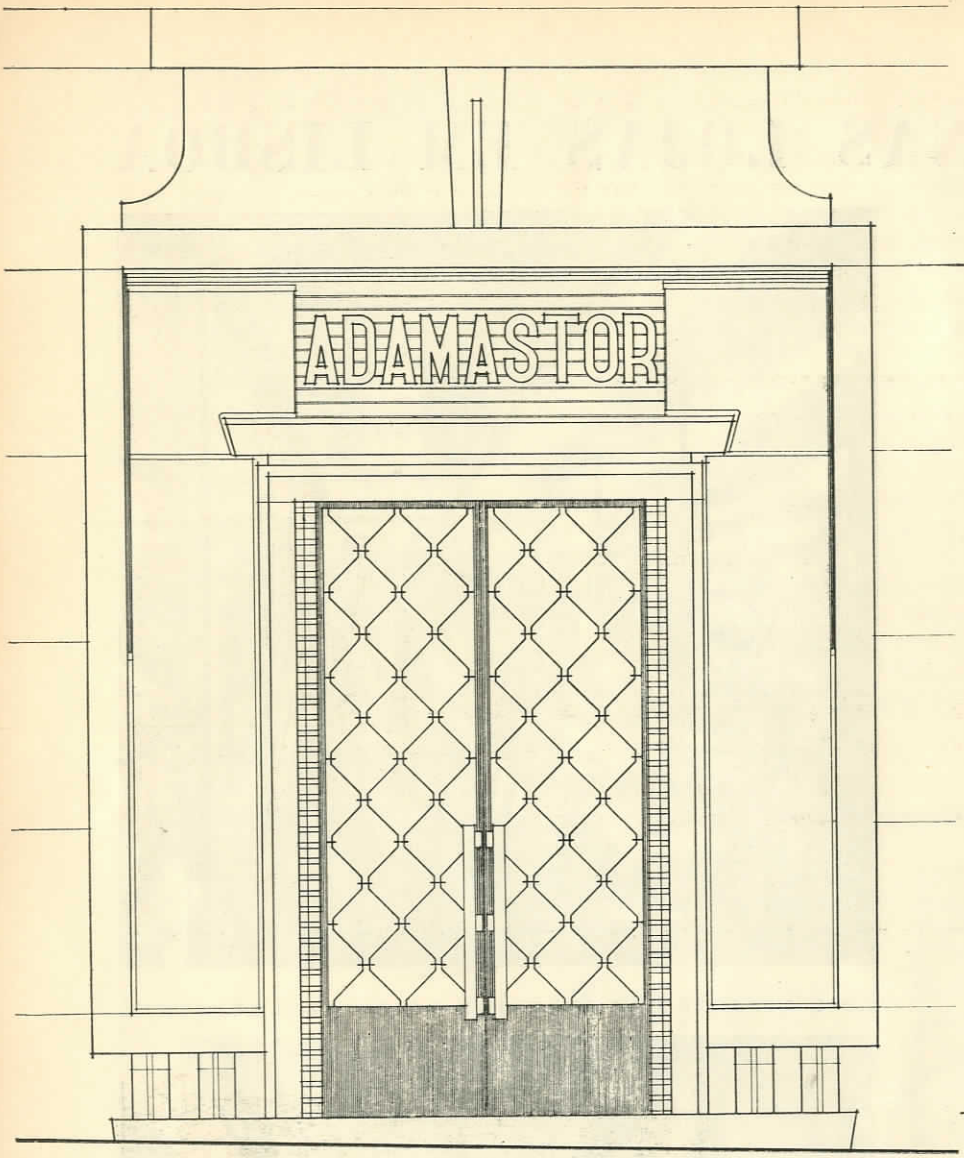
DOIS ASPECTOS DO INTERIOR DO ESTABELECIMENTO



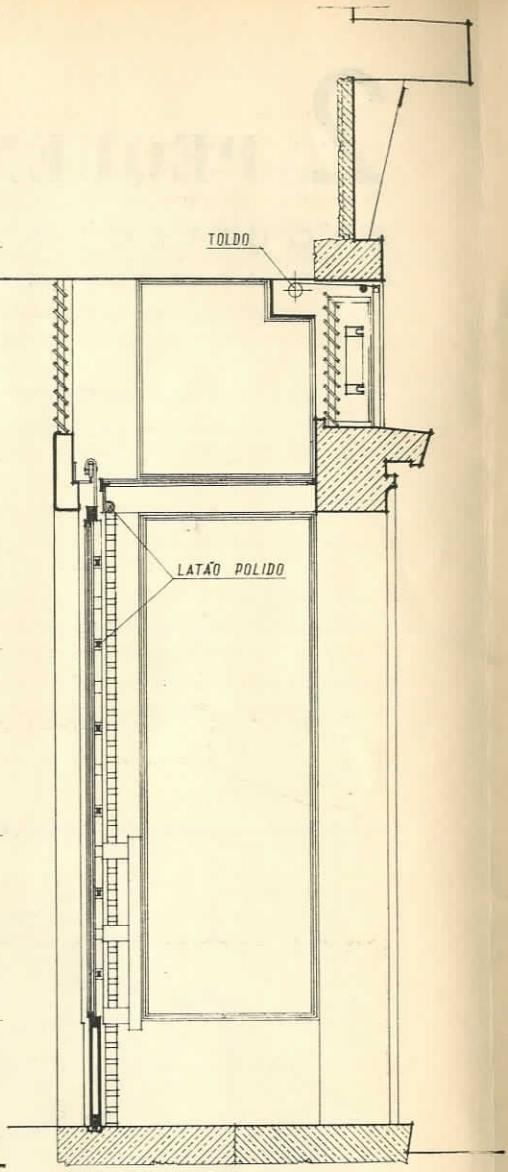
A TABACARIA ADAMASTOR

A REMODELAÇÃO deste estabelecimento, de há muito instalado no vestíbulo de entrada de um prédio da Baixa, foi determinada pela necessidade comercial de um melhor aproveitamento do exíguo espaço disponível e da sua modernização.

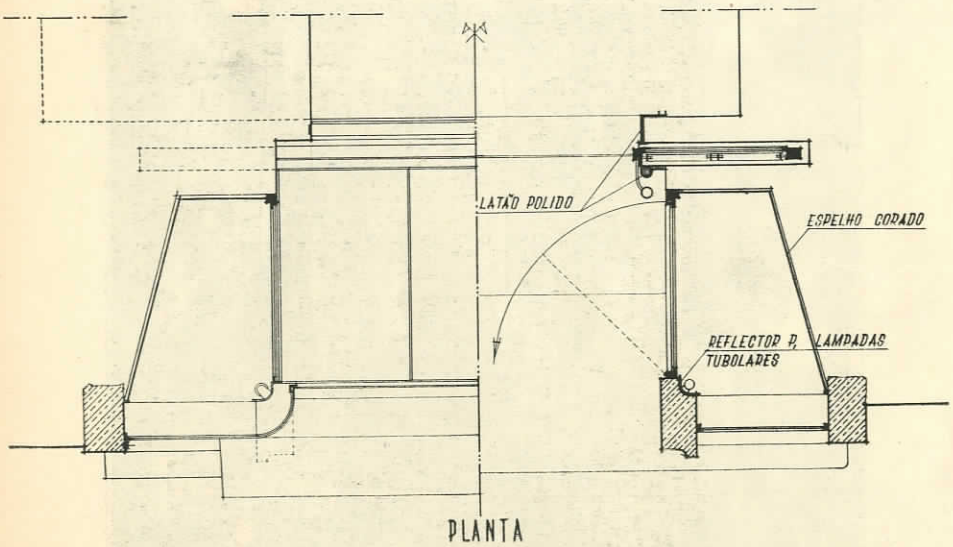
Por se tratar de uma loja situada no local de passagem para o inte-



ALÇADO



CORTE



PLANTA

0 1 2 3

M E T R O S

rior de um prédio, o seu arranjo foi condicionado a esse factor, tendo o problema sido solucionado de maneira a deixar, quando o estabelecimento fecha, um amplo corredor de passagem desde a entrada até ao guarda-vento do fundo, ficando vitrines e locais de exposição, de um e outro lado, protegidos com portas metálicas de correr. O balcão é móvel, montado em rolamentos, para poder de noite, recuando, ficar resguardado atrás das portas metálicas.

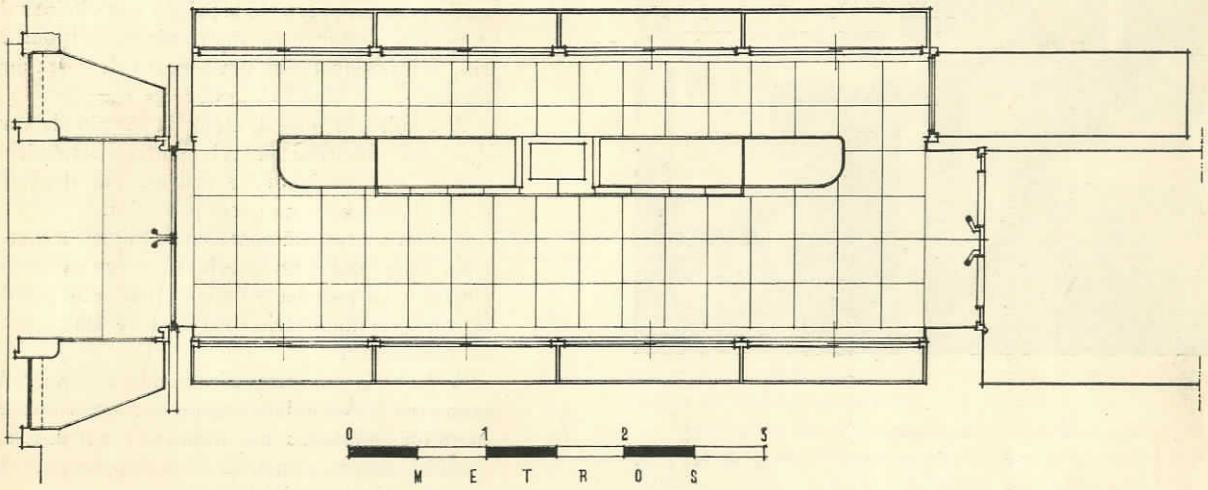
P O R M E N O R D A E N T R A D A D A T A B A C A R I A

Ainda por economia de espaço a porta de entrada é de duas folhas que correm e ficam embebidas na espessura das paredes.

A fachada deste estabelecimento, é, simultâneamente, a porta principal de um prédio pombalino e a Câmara Municipal de Lisboa só consentiu que se fizessem as obras mantendo-se a fachada de qualquer modo com o aspecto de porta.

Esse facto não tornou possível adoptar, quanto ao exterior, uma solução mais livre e lógica, e que, simultâneamente, reunisse melhores condições de exposição dos artigos nas montras.

Toda a iluminação foi estudada de modo a pôr em relevo os objectos expostos e optou-se fundamentalmente pela luz fluorescente.



PLANTA

B

CASA COTRIM

ASPECTO DA FACHADA

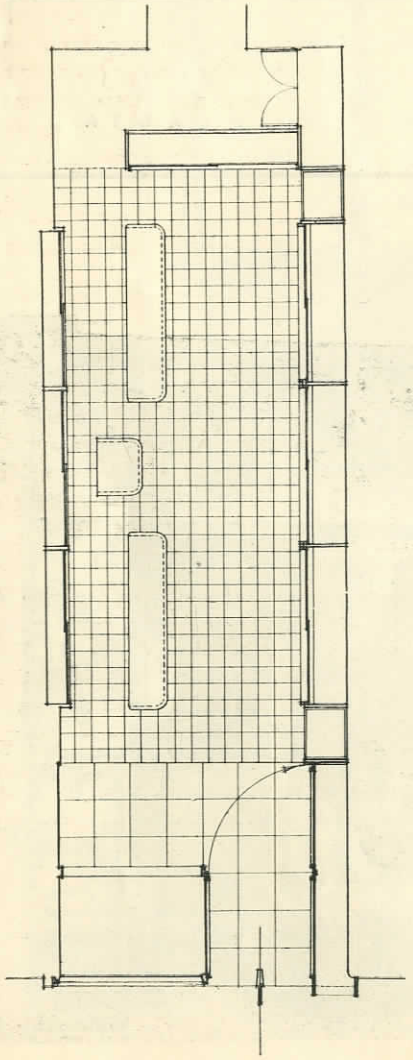
O INTERIOR DO ESTABELECIMENTO

Este pequeno estabelecimento é outro exemplo da luta pelo espaço. Trata-se efectivamente de uma loja de dimensões muito reduzidas, singularmente estreita, à qual, no entanto, quer pelo emprego de espelhos nas vitrines de exposição, quer pela distribuição do mobiliário, foi possível dar um aspecto de certa amplidão.

A camisaria possui, além da secção de vendas, que constitui pròpriamente o estabelecimento, um gabinete de provas, um depósito e W. C., situados na parte posterior.

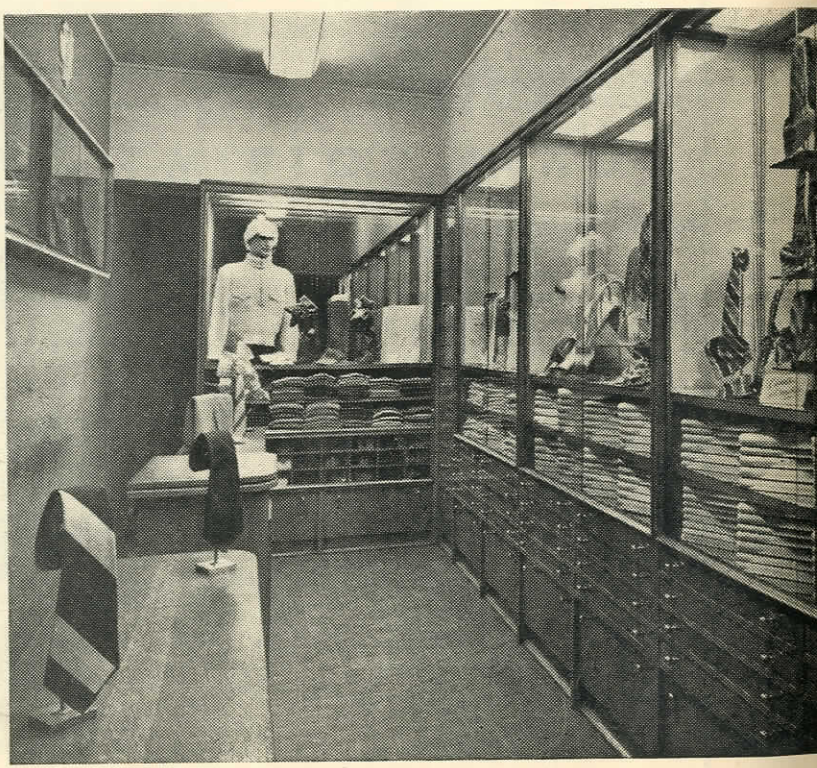
Foram criteriosamente escolhidos os materiais empregados no interior: cortiça em revestimentos de paredes e balcões, carvalho polido no restante mobiliário e mosaico cerâmico azul, no pavimento.

A fachada foi propositadamente concebida com grande sobriedade empregando-se armações metálicas pintadas nas montras e porta. Esta, quando aberta, constitui o prolongamento da pequena vitrine à direita.



PLANTA

OUTRO ASPECTO DO INTERIOR



ESTUDO DE PINTURA MURAL

PRIMEIRA PARTE

TÉCNICAS DA PINTURA MURAL ATRAVÉS DA HISTÓRIA

... Vendo pois Deus que a terra estava corrompida (porque toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a Terra), disse a Noé: Eu tenho resoluto dar cabo de toda a carne.

A Terra está cheia de iniquidades, que os homens têm nela cometido, e eu os farei perecer com a Terra.

Faze para ti uma arca de madeiras aplainadas: farás nesta arca uns pequenos quartos, e untá-la-ás com betume por dentro e por fora...

Noé aparece-nos pois a receber de Deus uma técnica de pintura. Tratava-se certamente do betume da Judeia, ainda hoje assim denominado, e que atravessou toda a história nas mais diversas aplicações, entre elas na pintura da arte.

A ARQUEOLOGIA moderna dá-nos, como primeiras manifestações de pintura mural, as pinturas dos primitivos habitantes das cavernas da idade paleolítica em Altamira (Espanha) e Aurignac (França) 20.000 anos A. C. aproximadamente.

Da técnica utilizada pelos artistas primitivos, diz-nos L. Adam, no seu livro «Arte primitiva»: «Meios técnicos inadequados não são necessàriamente características da arte primitiva. Pelo contrário, os materiais nos quais o artista primitivo trabalha — pedra, mármore, osso, madeira, barro e metal—são, grosso modo, os mesmos que o artista europeu utiliza. Mesmo na pintura, as cores minerais e vegetais e até as tintas animais são, em muitos casos, semelhantes.»

Mas o homem primitivo a que se refere Adam nesta passagem é a expressão genérica das raças nativas da África, ilhas dos mares do Sul, América e certas partes da Ásia, que diferem do homem pré-histórico, fisicamente, mas não no estado de desenvolvimento cultural.

Quanto aos pigmentos e aglutinantes utilizados na pintura mural primitiva, podemos dizer não haver diferença fundamental daqueles hoje empregados.

Haviam sido utilizados como pigmentos coloridos os amarelos ocres, terras vermelhas e castanhas e ossos queimados que lhes davam o negro. Como médio, a gordura do miolo dos ossos, e como veículo, possivelmente, a urina, que ao mesmo tempo funcionava como aglutinante.

Podemos dizer, portanto, que a técnica da pintura era semelhante áquela ainda hoje empregada.

Apesar de ser evidente a grande antiguidade da cultura egípcia, muitos arqueólogos duvidam da sua prioridade cronológica em relação a outras culturas. Recentes descobertas em Mohenjo-Daro, na Índia e na Mesopotâmia, levam a crer alguns no desenvolvimento simultâneo da cultura humana em diversos pontos (Hipótese poligenística). Venha ou não a provar-se esta hipótese, interessa-nos em primeiro lugar a cultura egípcia, porque influenciou directamente a linha clássica do pensamento ocidental.

As artes plásticas no homem primitivo não nos aparecem como funcionamento separado da pintura, escultura, ou arquitectura. Não encontramos esse espírito até à cultura helénica. Assim observamos que a maior parte da pintura mural decorativa egípcia encontra-se nas paredes dos túmulos, complementando a arquitectura em que está integrada além de evidenciar um grande interesse documental, porventura maior do que formal ou estético. A escultura em vulto policromada era muitas vezes substituída por pintura só, por razões de ordem económica.

Os métodos do pintor egípcio consistiam numa ampliação na parede, pelo processo da quadrícula, dum desenho pintado prévio, executado por artista de categoria, processo este que parece ter sido invenção dos egípcios. Nem sempre as ampliações atingiam o grau de qualidade dos desenhos prévios. Tanto os modelos executados em barro ou em pedra como os vestígios do quadriculado respectivo nas paredes, foram encontrados em diversos túmulos.

Os pigmentos coloridos por eles empregados foram as terras, os negros e um belo azul que conseguiam pela moedura de pedras semi preciosas como a malaquite, a turquesa e ainda vidro colorido com óxido de cobre. Como branco utilizavam o gesso, e o médio era a clara de ovo e o mel. Praticavam também os egípcios a pintura a fresco e tentaram ainda a fabricação de vernizes de gomas que depressa tiveram de abandonar, porque enegreciam e estalavam ràpidamente.

A civilização pré-helénica, com as suas cidades de Micenas, Tróia e o próspero estabelecimento de Cnossos, em Creta, é tão recuada na história como a do Egipto. Por volta de 2.500 A. C., a civilização cretense estava no apogeu. Cnossos consistia num grande palácio para o monarca Minos e o seu povo. Os vestígios da vida desse povo, da sua arte, e as ruínas do seu palácio falam-nos duma existência saudável e risonha. As suas pinturas murais revelam vestes e penteados singularmente semelhantes aos das mulheres do princípio deste século.

A técnica utilizada nestas pinturas murais foi o fresco, conforme provaram as investigações feitas sobre fragmentos de pintura encontrados em Cnossos.

Como não possuímos exemplos que nos possam fornecer um conhecimento global da pintura grega, é a

literatura que tem fornecido elementos de estudo completados, em parte, por obras de arte existentes, que, não sendo gregas, trazem no entanto alguma luz sobre o assunto. São elas: a pintura de vasos e decorações murais Romanas e Etruscas.

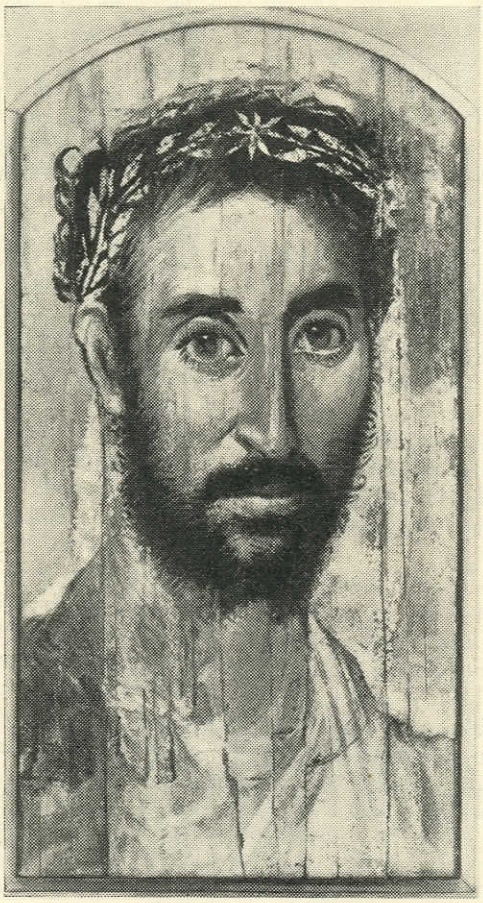
As decorações murais Romanas mostram o que teria sido a pintura grega, por quanto se sabe terem os romanos seguido a pintura grega, chegando até a reproduzir mais ou menos livremente originais dum período anterior.

Descobriram-se também no Egipto um certo número de retratos em tampas de caixas de múmias num estilo grego que, tal como as pinturas pompeianas, pertencem a um período romano (séc. II A. C.). São pintados a encáustica e dão uma ideia nitida da capacidade do processo.

Descobertas recentes feitas na Tessália de uma centena de «stelae» pertencendo aproximadamente ao séc. II A. C., apresentam vestígios de pintura a encáustica executada directamente sobre o mármore. A pintura apresenta-se como tendo sido feita à espátula e não a pincel.

Os gregos parece terem utilizado além da encáustica o fresco e a têmpera sendo esta utilizada em quadros de cavalete, cujo processo de pintura não difere em nada do executado pelos artistas medievais, sendo o médio usado a gema de ovo.

Os pigmentos então conhecidos eram o branco — terra de Melos —, amarelo ocre de Atenas, vermelho — Sinópia — e o negro de fumo «atramentum».



PINTURA A ENCÁUSTICA GRECO-ROMANA

Seja aqui feita homenagem a Panfilo, o primeiro grande teórico da pintura, que espalhou o seu ensino por toda a Grécia tornando-a tão popular que o Estado chegou a temer o seu aviltamento.

Até aí a pintura reservava-se à élite, porém Erígone, moedor de tintas do pintor Nealce, formou pintores de grande fama. Apeles (340 A. C.) parece ter saído da escola de Panfilo e ter sido o primeiro a utilizar os vernizes de óleo.

A admiração dos romanos pelos gregos era de tal grandeza que diziam não trabalharem os artistas gregos para o agrado do patrão nem para o embelezamento duma casa, massa imóvel impossível de subtrair às chamas, mas para toda a cidade, e ser a pintura propriedade de todo o Universo.

Apesar da decoração interior das casas não ser do agrado dos gregos foi por intermédio deles que se introduziu essa moda em Roma.

A pintura praticou-se aí logo nos primeiros tempos, mas até ao séc. II A. C. os centros de arte italiana residiram não pròpriamente em Roma mas na Magna Grécia e Etrúria.

Em ambas a pintura floresceu desde longa data. Na Magna Grécia sabe-se ter sido a pintura muito ligada com a actividade da pintura grega. Vasos encontrados na Campânia e Apúlia dos IV e III séc. A. C. revelam a identidade da técnica com a dos gregos. Não diferem estes dos vasos de figuras vermelhas da própria Grécia, evidenciando no entanto um tratamento mais largo, mais pictoral, tendências visíveis mais tarde nas pinturas de Pompeia.

O conhecimento da pintura etrusca é mais vasto devido a terem sido encontrados belos exemplos em Corneto, Chiusi, Vulci, etc.

Pode dividir-se esta pintura em duas fases: a primeira focando assuntos da vida diária, jogos e representações das cerimónias religiosas, executadas em cores claras (amareladas) no fundo com pinturas em castanho, vermelho sujo, verde, branco, lembrando os vasos gregos do século IV, sendo, no entanto, as cabeças do tipo característico etrusco. Na segunda fase, as figuras são pintadas a cores claras num fundo castanho escuro. O desenho é mais gracioso.

A escolha do assunto, o carácter do retrato das cabeças e a tendência geral para o realismo da arte etrusca, são características que aparecerão mais tarde na arte romana.

Por esta altura em Roma trabalhavam artistas etruscos ou gregos. *Só no séc. III A. C, aparecem formas de pinturas estrictamente romanas com assuntos ilustrando histórias militares.* Na última centúria da República e sobre o Império, a pintura, assim como as outras artes, era mais geralmente praticada em Roma, tratando assuntos de todas as espécies.

(Continua)

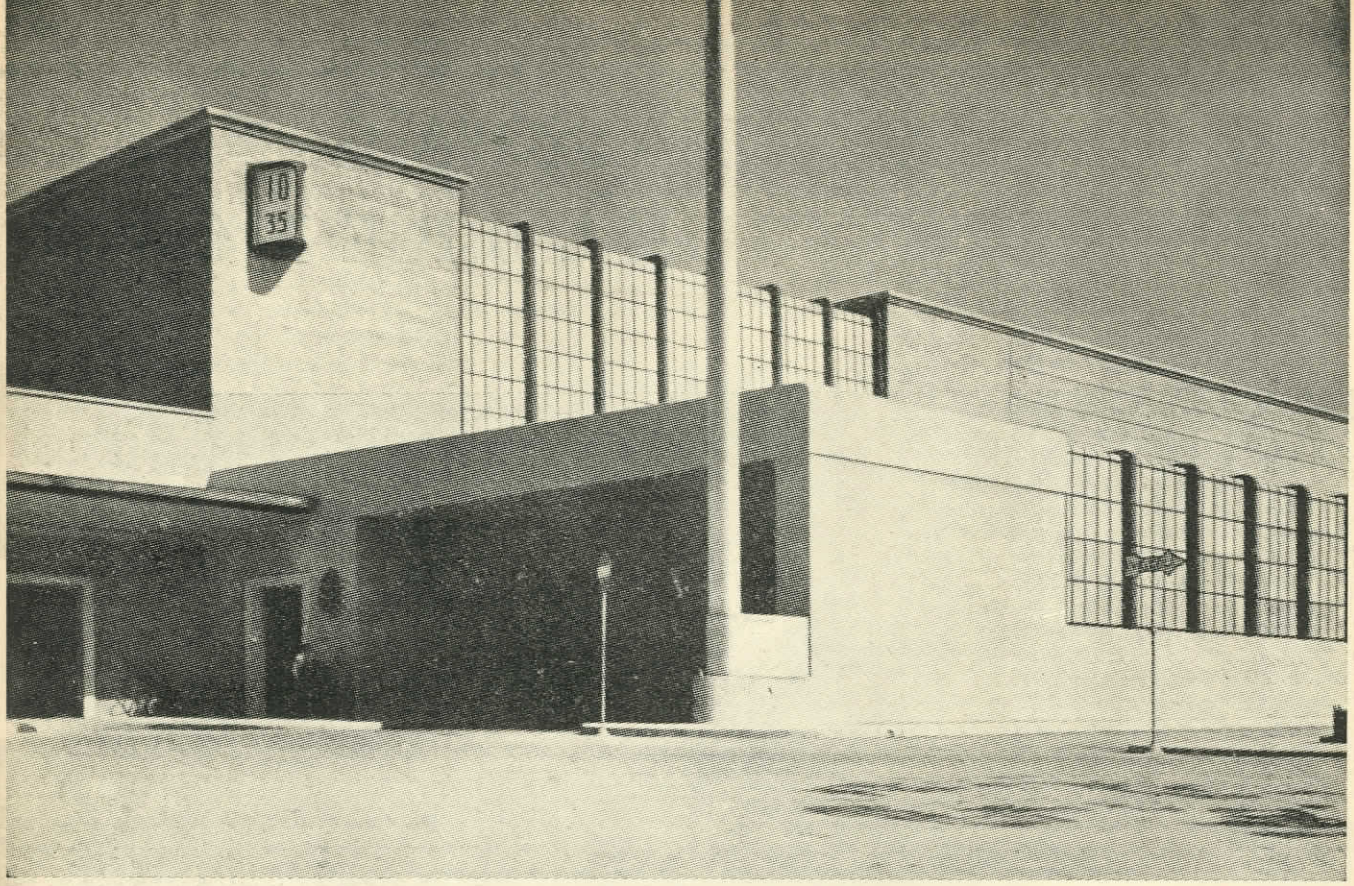
FREDERICO GEORGE

A NOVA GARE DE FLORENÇA

ARQUITECTOS

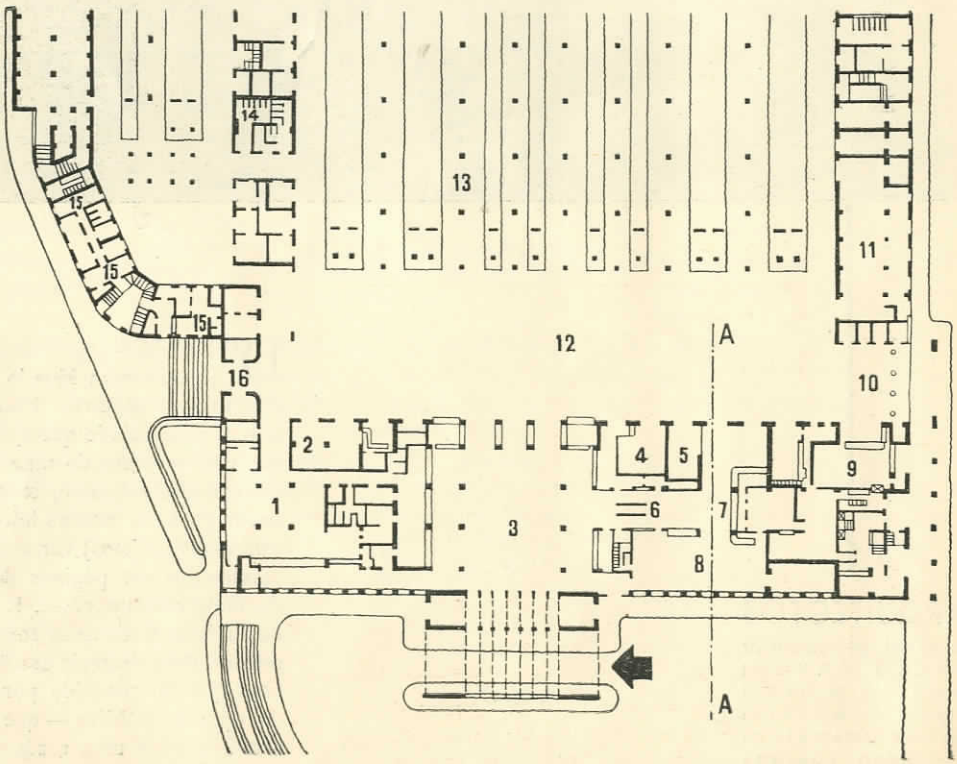
GIOVANI MICHELUCCI
NELLO BARONI
NICCOLO BERARDI
ITALO GAMBERINI
SARRE GUARNIERI
LEONARDO LUSANNA

DIVERSAS imagens desta nova gare de Florença já correram Mundo nas páginas de algumas revistas estrangeiras. Pode parecer estranha, por isso, a publicidade que agora lhe damos, tanto mais que não se trata de uma construção recentemente inaugurada. Contudo, cremos que será útil e agradável para os nossos leitores (nem todos compraram essas revistas) ver arquivada com certo desenvolvimento nas páginas de *Arquitectura* esta obra do mais alto interesse. E a circunstância dos anos decorridos desde a sua concepção e realização terem servido para destruir as dúvidas e a incompreensão com que foi recebida por parte de certos sectores da opinião pública — que hoje a aceitam e admiram — é mais uma razão para que a divulguemos.



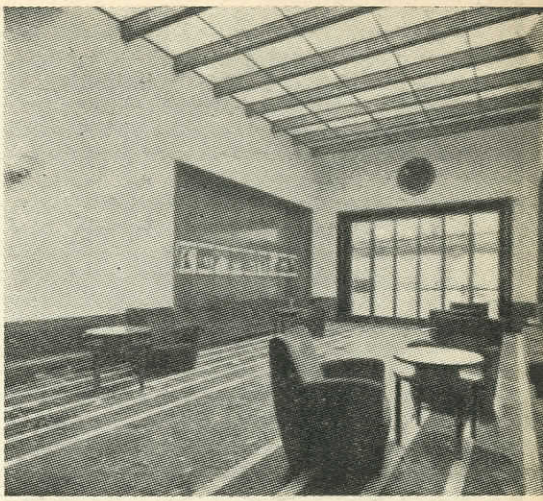
ABRIGO PARA OS CARROS SOBRE A ENTRADA PRINCIPAL

1 — DESPACHO DE BAGAGENS
2 — SALA DE ESPERA 3.ª
3 — VESTÍBULO PRINCIPAL
4 — SALA DE ESPERA 1.ª
5 — SALA DE ESPERA 2.ª
6 — INFORMAÇÕES
7 — BAR DA 1.ª E 2.ª
8 — RESTAURANTE 1.ª E 2.ª
9 — ARRECADAÇÃO DE VOLUMES
10 — SAÍDA
11 — RECEPÇÃO DE BAGAGENS
12 — PLATAFORMA COBERTA
13 — CAIS
14 — RETRETES
15 — BARBEARIA, BANHOS, ETC.
16 — SAÍDA



PLANTA GERAL

SALA DE ESPERA DA PRIMEIRA CLASSE



A nova gare fica situada numa zona central da cidade, fronteira à igreja de «Santa Maria Novella»; e, muito hábil e judiciosamente, os seus autores criaram-lhe acessos independentes, onde os carros podem circular e estacionar sem causar estorvo ao movimento geral da cidade.

A entrada dos passageiros faz-se a coberto, protegida por um grande envidraçado de 30 metros de comprimento, sob o qual podem parar simultâneamente vários automóveis. Esse envidraçado, que se prolonga e cobre também o vestíbulo, constitui a nota dominante da fachada principal. O emprego do vidro «Thermolux» garantiu o necessário isolamento térmico às zonas assim cobertas.

Do vestíbulo principal, onde ficam as bilheteiras, acede-se a uma grande plataforma coberta, com cerca de cem metros de comprimento por vinte e cinco de largura, onde vêm entestar doze linhas de caminho de ferro. O acesso aos comboios faz-se a coberto, ao longo de grandes cais que partem da plataforma.

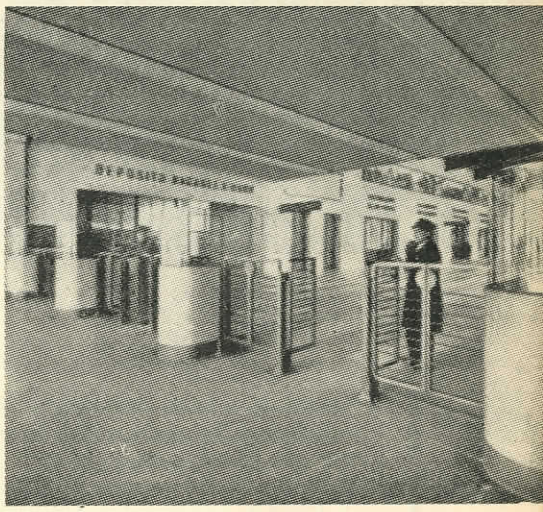
A saída dos passageiros pode fazer-se directamente, sem interferir com o movimento da venda de bilhetes, despacho de bagagens, etc.

Os diversos serviços inerentes a um edifício desta natureza foram distribuídos conforme indica a planta junta e a sua posição relativa foi perfeitamente determinada. As salas de espera das várias classes, os bars e os restaurantes, a recepção, despacho, entrega e guarda temporária de bagagens, as instalações sanitárias, tudo, em suma, foi previsto com o cuidado necessário e nos locais convenientes.

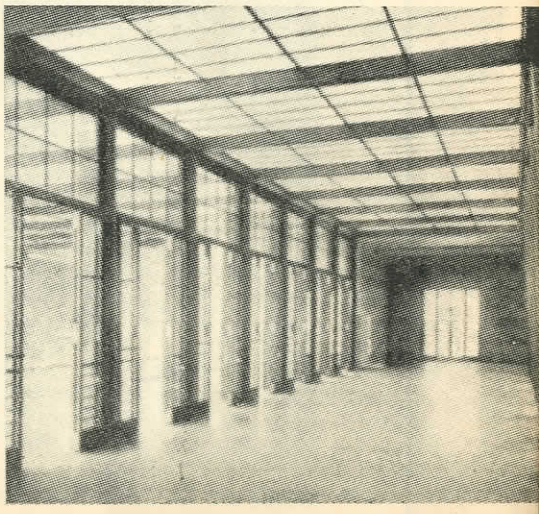
Um grande acerto na escolha dos materiais e na maneira de os empregar alia-se ao arrojo com que foi concebido o edifício. Fez-se um largo uso de mármores, principalmente nos interiores, o que contribuiu poderosamente para a beleza, a riqueza e a fácil conservação da gare. E a circunstância de se haver recorrido a um material de tão antigas tradições na região não impediu os arquitectos de dar a esses interiores um cunho da nossa época.

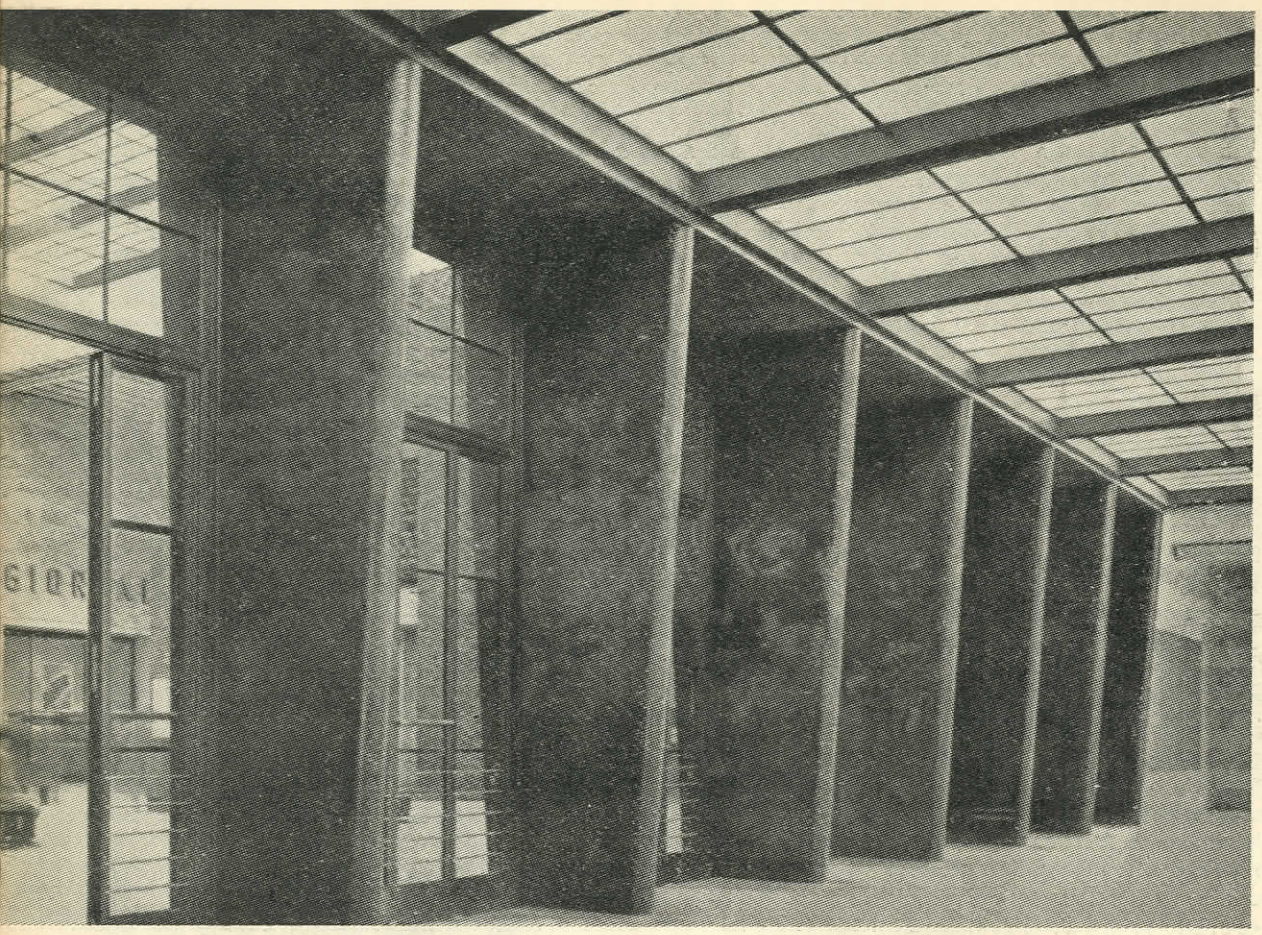
Inúmeros pormenores revelam uma boa compreensão das necessidades peculiares a um grande centro de tráfego ferroviário. As indicações ao público e aos passageiros e a publicidade, para só nos referirmos a esses, foram encaradas e resolvidas com

SAÍDA PARA OS PASSAGEIROS



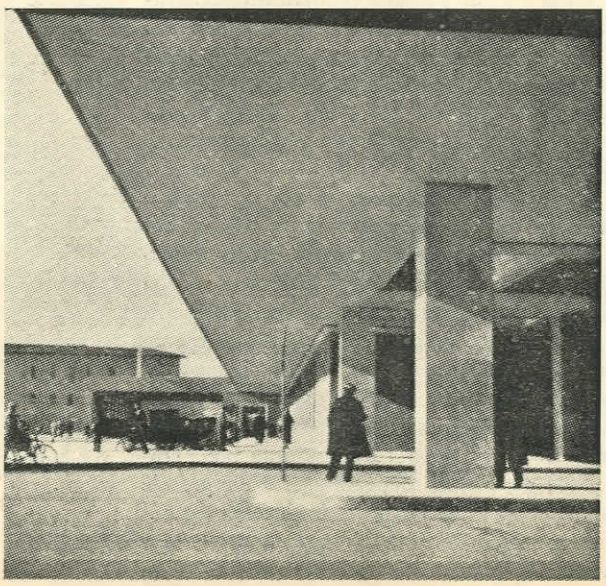
VESTÍBULO PRINCIPAL





PORMENOR DA ENTRADA PRINCIPAL

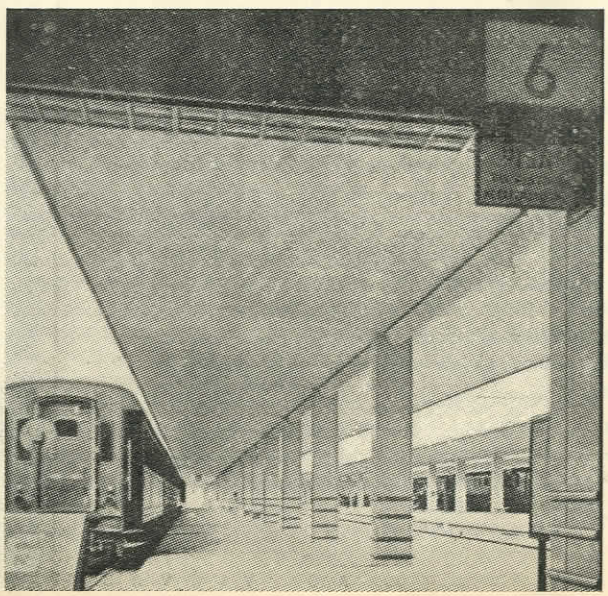
franqueza e acerto, tirando-se até partidos interessantes de umas e outras, ao contrário do que é habitual verificar-se. Ao longo dos cais, em edifícios independentes, ficam os serviços dos correios, os escritórios da companhia, as instalações para o pessoal, os armazéns de bagagens e o pavilhão real. Este último é uma construção especial, destinada aos ex-soberanos de Itália e tratada com um caracter mais luxuoso e convencional.



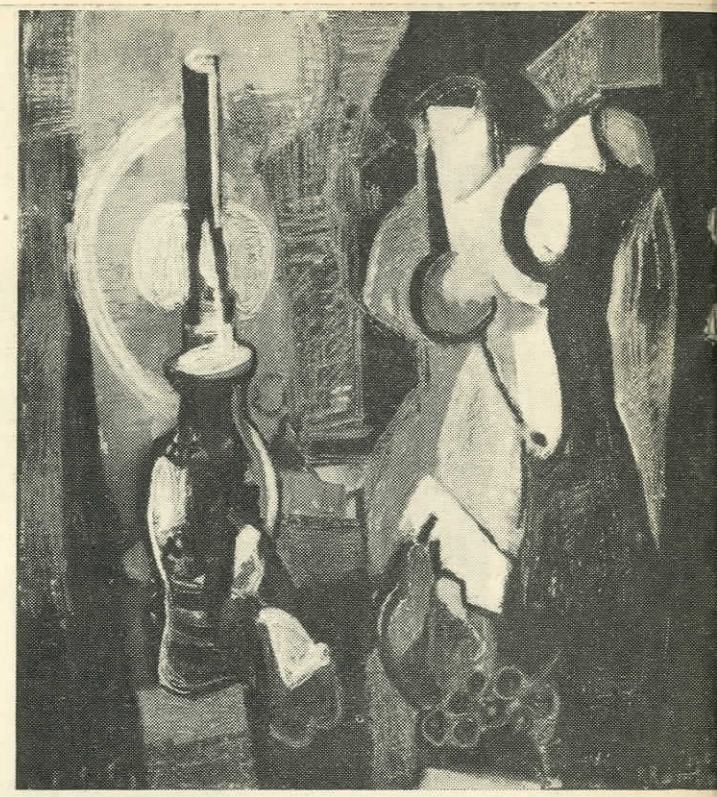
UM DOS ACESSOS LATERAIS

GRANDE PLATAFORMA COBERTA

As fotografias que acompanham esta nota darão, por certo, uma idéia geral do edifício. Através delas poderão os nossos leitores verificar que se trata, realmente, de uma obra em que a Técnica e a Arte se aliaram para dotar Florença com uma eficaz estação de caminho de ferro que é, simultâneamente, uma bela peça de arquitectura.



UM ASPECTO DOS CAIS



NATUREZA MORTA

UMA EXPOSIÇÃO DE PINTURA FRANCESA

UMA vez mais a França nos enviou uma exposição de pintura. Dezassete jovens de menos de trinta anos, alguns deles próximo da vintena, expuseram os seus trabalhos na Sociedade Nacional de Belas Artes sob o patrocínio do Centro de Expansão Francesa.

Trata-se dum agrupamento de artistas com ideais mais ou menos de acordo com um determinado sector da pintura francesa de hoje.

Deu-nos esta centena ou mais de quadros uma sensação de aliciante liberdade na procura da matéria pictural, cor e forma, muito dentro das características da pintura francesa das últimas décadas. Não se sente, porém, vontade de exceder os intuitos artísticos dos seus maiores.

Com uma certeza, todavia ficamos: é a de que estes novos pintores franceses pintam valorosamente, com entusiasmo, manejando o arsenal pictórico com vigor, sem medo, com conhecimento profundo do «métier». E tudo isso sem ostentação, sem mostrar que o fazem.

Se a *presença* dos mestres modernos como Picasso, Braque, Matisse e Lhote e até Utrillo se faz sentir, a veia humorística de um Daumier ou Lautrec é acentuada. Veja-se esse belo quadro «Viúvas», de Glodeck Miailhe, perante o qual não sabemos se havemos de rir se chorar.

Caminhos novos (no sentido em que vulgarmente consideramos esta expressão, isto é: pesquisas metafísicas ou sobrerealistas) não existem; mas o que há seguramente é profissionalismo, pintura, e da melhor.

Tem a presente exposição, num meio confuso de ideias e exigente de intenções, o grande mérito de afirmar o que a pintura pode valer por si própria, independente de intenções que não sejam as de ordem estética.

F. G.

AS VIÚVAS

3 O CLIENTE, AS LEIS E OS REGULAMENTOS

No número anterior ferrei uma sova mestra nos arquitectos, entre os quais tenho o orgulho e a desdita de me contar. Fui duro, desagradável, mas era necessário. Estas chicotadas no nosso amor próprio são salutares — e mal de nós se apenas fossemos capazes de prodigalizar e receber elogios.

Por outro lado isso coloca-me, de certo modo, mais à-vontade para falar dos outros. E, em boa verdade, terei de os julgar também com severidade. Terei de assacar certas culpas da inferioridade da arquitectura portuguesa contemporânea àqueles para quem trabalhamos e aos que regulamentaram e regulamentam o exercício da nossa profissão.

Prepara-te, pois, cliente Amigo, para ouvir coisas de que talvez não gostes. Mas, se acaso as diferentes carapuças que a seguir se talham não te servirem, considera-te uma excepção — porque as há e muito as apreciamos. No entanto não sejas demasiado indulgente para contigo, nem te apresses a fazer um juizo definitivo sobre o teu procedimento.

Lembras-te de quando pensaste em construir a tua casa? Levaste meses, anos, a decidir-te. A ideia amadureceu pouco a pouco, até te aparecer como coisa viável e inadiável. Depois surgiu o problema do terreno: Onde haverias de erguer o teu lar? Querias um bom local, acessível, soalheiro, com mais outra e outra das condições com que tinhas sonhado e o caso deu-te que fazer. Gastaste um rôr de tempo para o encontrar e adquirir. Chegado aí, porém, perdeste a calma, a serenidade de julgamento, e cometeste alguns erros. Fôste procurar um arquitecto que te indicaram e cujas obras te agradaram, e pediste-lhe pressa, muita pressa. Querias o projecto para daí a um mês, ou mês e meio, no máximo. Não podias esperar mais. Já tinhas gasto tanto tempo a decidir-te e a arranjar o terreno...

Quanto ao programa da casa — número, dimensões e características das dependências — mal havias pensado no caso.

Mas fazias questão em que a moradia fosse à portuguesa, com um alpendrezinho e portadas nas janelas, como uma que tinhas visto num passeio ou numa revista de que a tua mulher era assinante. E opuseste aos reparos do arquitecto a peremptória declaração de que a casa era para ti, para teu serviço e prazer, e era natural assim se fizesse conforme os teus desejos e ideias.

Eis uma razão de peso, um argumento in-des-tru-tível, pensaste então. Mas enganavas-te. Era, em boa verdade, um fraco e inadequado argumento. Que dirias, cliente Amigo, de um indivíduo que fôsse ao médico e, em vez de lhe explicar a natureza dos seus padecimentos, de o habilitar a fazer um diagnóstico e um tratamento correctos, lhe manifestasse o desejo de tomar determinado remédio que vinha anunciado numa revista, com uma linda embalagem? E que tentasse depois rebater as expressões de espanto e de censura do médico com a seguinte afirmação: — O remédio é para mim e é natural que eu saiba o que mais me convém e agrada. Pois o caso, bem vistas as coisas, é muito parecido. Tanto o médico como o arquitecto são profissionais que dedicaram longos anos ao estudo de determinados problemas e se encontram, por isso mesmo, melhor habilitados que um leigo a resolvê-los... que se encontram, até, em condições de saber melhor o que te convém do que tu próprio.

A pressa que exigiste, as ideias de pormenor que procuraste impor, a circustancia de não teres exposto com clareza e precisão as necessidades — o programa — da tua casa, tudo isso só serviu para conplicar e dificultar a acção do arquitecto e comprometer a coerência e a qualidade do projecto.

Se não foi este o teu caso, perdoa. Talvez tenha sido estoutro, mais frequente ainda: Procuraste o arquitecto mas não o encarregaste de projectar a tua casa porque êle te pediu de honorários 5 % do custo da obra, como determinam as tabelas oficiais, e achaste excessivo. Recusou-se a fazer o abatimento que lhe pediste e não se rendeu perante o facto, que não deixaste de lhe apontar, de haver quem leve 3 % ou mesmo 2 %. Tomaste a peito encontrar quem te fizesse o projecto mais barato e exultaste quando o conseguiste. Poupaste 5 ou 10 contos num total de 500 e ficaste radiante. Esfregaste as mãos interiormente, como diria um velho colega dos meus tempos do liceu. No entanto, talvez não tenha sido precisamente um triunfo o que conseguiste. Primeiro, porque o projecto da tua casa, mal pago, foi mal estudado. Ninguém te vende pão de primeira pelo preço do de segunda... Depois, porque vieste lançar entre os membros da nossa classe uma semente de concorrência de preços que a nossa lei não tolera. Tal concorrência acaba sempre por se traduzir num rebaixamento de qualidade.

Se ainda não foi este o teu caso, perdoa mais uma vez. Mas pode ter sido outro, ainda mais vulgar: Aceitaste as condições do arquitecto — preço, prazo, etc. Aceitaste depois, com grande entusiasmo, o ante-projecto que te apresentou para que visses bem se correspondia às tuas necessidades e desejos enquanto a tua

casa estava só no papel e era fácil corrigi-la. Tudo te pareceu certo, magnífico. Depois a obra começou e a casa foi crescendo, crescendo, até chegar à fase dos acabamentos. Então surgiste um dia com um pedido de umas alterações. A tua mulher queria aproveitar o quarto da criada para casa de costura (não se tinha lembrado da falta que faz uma casa de costura) e era preciso arranjar um sítio para o quarto da criada. Além disso queria (a tua mulher, é claro) uma nova porta que ligasse directamente o quarto principal à casa de banho, mas não via bem onde é que se poderia pôr a banheira. Isso era com o arquitecto, evidentemente. E queria ainda (a tua mulher, está bem de ver) ferros forjados nas janelas, que se usavam muito e davam tanta graça às fachadas...

O pobre do arquitecto fez um sorriso muito pálido, muito amarelo — recordas-te ? — e disse-te que iria tentar satisfazer os teus desejos (da tua mulher, apressaste-te em corrigir). E cumpriu: Mudou o quarto, a porta e pôs os ferros forjados nas janelas. Mas ainda hoje não te perdoa por o teres obrigado a estragar um conjunto projectado com certo amor, dando-te uma casa coxa, imperfeita, quando teria sido tão fácil e vantajoso prever, de início, com unidade e coerência, todos os teus desejos (da tua mulher, perdão).

*

Não se creia, porém, que é só o cliente particular, especialmente o que tem em vista construir uma moradia, aquele cuja actuação nem sempre é de molde a favorecer os seus próprios interesses e os da Arquitectura. Passa-se o mesmo com o cliente oficial; e como, em geral, são mais importantes e de maior vulto os trabalhos que este encomenda, mais graves são também as consequências da sua falta de compreensão.

O cliente oficial — designação um tanto vaga e imprópria dentro da qual englobo grandes empresas e organismos públicos — procede de um modo singularmente parecido com o particular: Não se desculpa com os desejos e caprichos da esposa, é certo, mas também pede reduções de preço. Certos altos funcionários públicos põem mesmo um tal calor, um tal zelo em aumentar as receitas do Estado reduzindo os nossos honorários que quase nos levam a suspeitar... que pretendem casar com a filha do patrão.

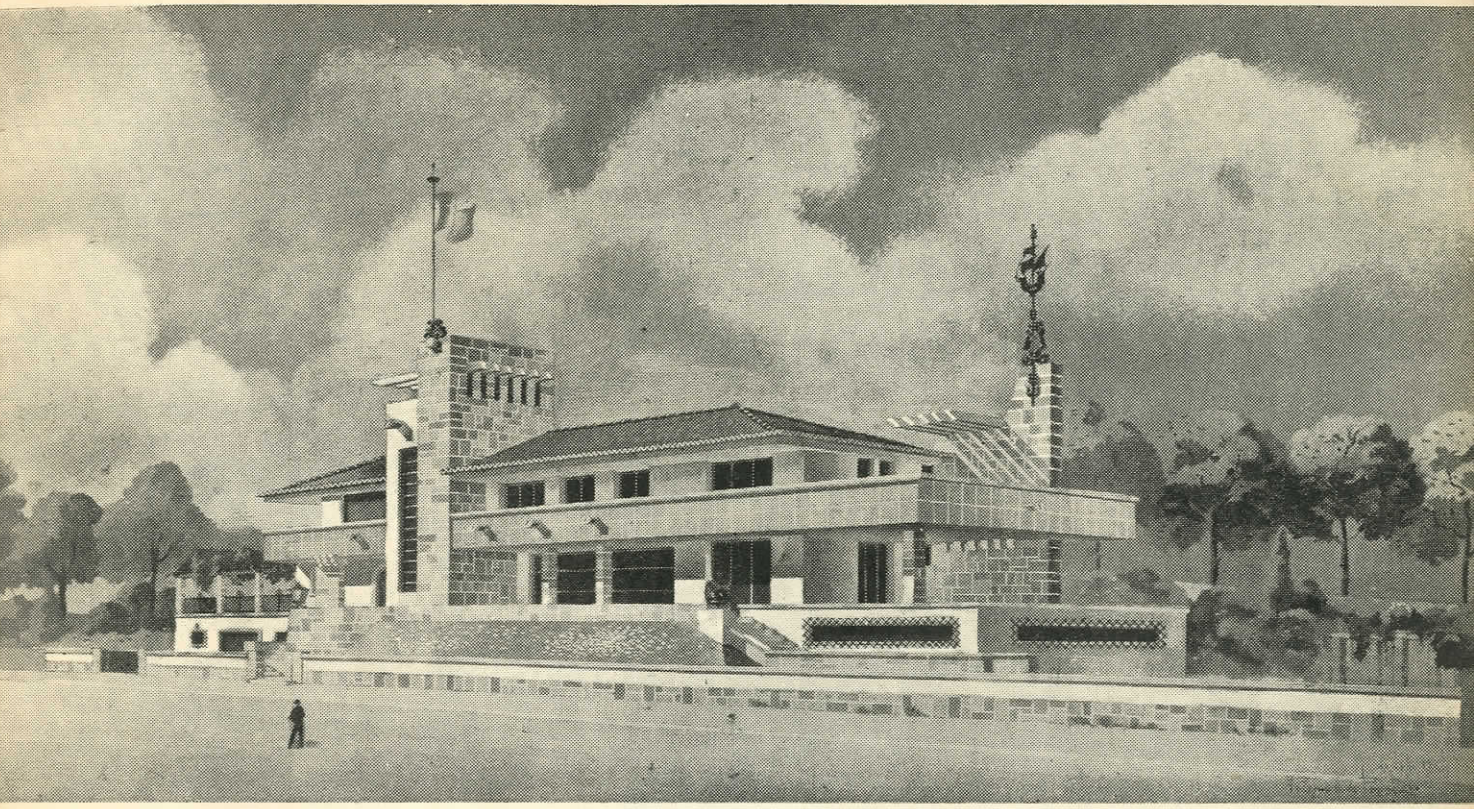
Também procuram compensar o tempo excessivo gasto pelo organismo que representam ou dirigem em decidir e aprovar os trabalhos, com prazos muito curtos dados aos arquitectos; também se esquecem, frequentemente, de organizar programas correctos, ponderados, minuciosos — condição essencial para que as obras sejam projectadas e realizadas convenientemente — mas pretendem impor e fazer vingar os seus gostos e pontos de vista pessoais quanto às fachadas e pormenores decorativos. Mal reparam nas plantas, quando se lhes apresentam os ante-projectos, mas alargam-se em considerações sobre os alçados, ou porque os entusiasmam, ou porque, pelo contrário, não traduzem exactamente os seus desejos. Acham-nos lindos, encantadores, ou, ao invés, gostariam que tivessem mais cantarias, ferros forjados, etc. E em ambos os casos o arquitecto honesto, que dedicou o melhor do seu tempo e do seu esforço a estudar uma distribuição correcta dos serviços, a conceber um sistema de construção apropriado, simples e económico, sente-se logrado, mal compreendido e mal recompensado no seu esforço. Quase tudo se resumia, afinal, em fazer umas fachadas graciosas!... E mal de nós e da Arquitectura quando acabamos por nos convencer de que assim é, realmente.

O cliente oficial lucraria imenso se se ocupasse menos com os problemas estéticos e dedicasse mais atenção aos programas dos edifícios e às próprias leis e regulamentos que condicionam o exercício da nossa profissão. Lucraria muito e facilitaria a nossa acção. Porque, efectivamente, trabalhamos quase sempre sem programas, às apalpadelas, ou com programas mal digeridos, incompletos; e os nossos regulamentos, de um modo geral, funcionam como coletes acanhados, que não deixam respirar à vontade. Rígidos já de si e ainda mais rigidamente impostos, contrapõem, à acção benéfica de impedir que se façam certas barbaridades arquitectónicas, a acção perniciosa de estrangular à nascença certos rasgos, iniciativas e soluções que poderiam contribuir para uma melhoria geral das condições em que vivemos e trabalhamos.

Prendem-se com coisas mesquinhas e absurdas: Ora impõem certos materiais duradoiros, definitivos, para as fachadas dos novos estabelecimentos comerciais (que são, por natureza, construções efémeras) ora portas interiores em todas as janelas (quando, em inúmeros casos, um simples estore regulável resolve muito melhor o problema); mas continuam a permitir que se construam corredores estreitos e sombrios com 20 metros de comprimento e cozinhas e casas de banho abrindo para «marquises» envidraçadas, isto é, sem luz e ventilação directas. E que não se tome como relação de deficiências o que constitui apenas um exemplo!

A rigidez regulamentar e, talvez, ainda mais, a falta de maleabilidade na aplicação dos regulamentos, lançaram muitos dos nossos técnicos numa aceitação quase passiva das imposições legais. Progride-lhes, assim, a «indústria» com um mínimo de atritos e complicações —e isso é o essencial ... Outros foram levados a desenvolver uma arte subtil: — a de sofismar os regulamentos... de encontrar processos para ludibriar as pessoas encarregadas de os fazer cumprir. E não são raros os casos em que arquitectos progressivos e honestos tiveram de lançar mão de deshonestidades, de intrujices, para conseguir fazer aprovar soluções correctas, de elevada classe.

KEIL AMARAL



MORADIA NO ESTORIL

Esta moradia destinava-se a ser construída no Monte Estoril, junto da Estrada Marginal e servida na parte posterior por um outro arruamento, a avenida Sabóia.

A configuração topográfica do terreno e a sua orientação foram aproveitadas pelo autor que procurou tirar delas o melhor partido para a valorização funcional e estética do conjunto.

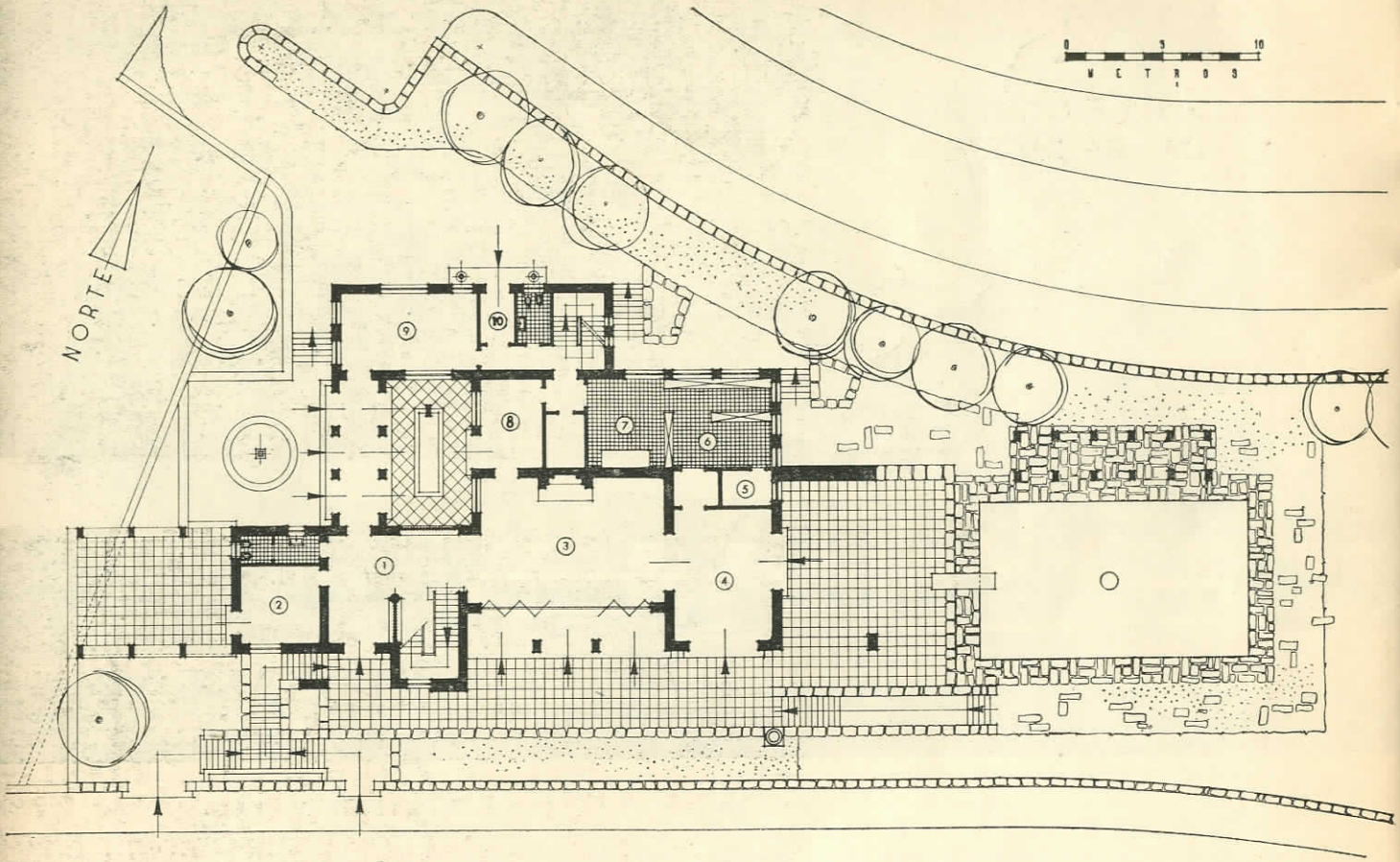
A construção foi distribuída em três pavimentos, sendo o primeiro ao nível da Estrada Marginal (lado sul) destinado a garagem, garrafeira, casa da caldeira, lavagens e engomados. No segundo pavimento foi instalada a zona de estar e de recepção, bem como a cozinha e seus anexos. Ficam no terceiro e último pavimento todos os quartos de cama.

As dependências foram ligadas entre si da forma julgada mais conveniente e garantidos os acessos verticais por duas escadas, sendo uma destinada ao serviço.

Na concepção desta moradia teve-se em vista aproveitar o desnível do terreno, de modo a conseguir-se, do lado sul, certa elevação da zona de estar que, assim, ficava mais isolada do movimento da estrada. Por outro lado, foram orientadas a Sul

ARQUITECTO

FILIPE NOBRE DE FIGUEIREDO



PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO

1 — HALL
2 — ESCRITÓRIO
3 — SALA DE ESTAR
4 — SALA DE JANTAR
5 — DESPENSA
6 — COPA
7 — COZINHA
8 — SALA
9 — SALA DE JANTAR E ESTAR CRIADOS
10 — ENTRADA DE SERVIÇO
11 — PISCINA

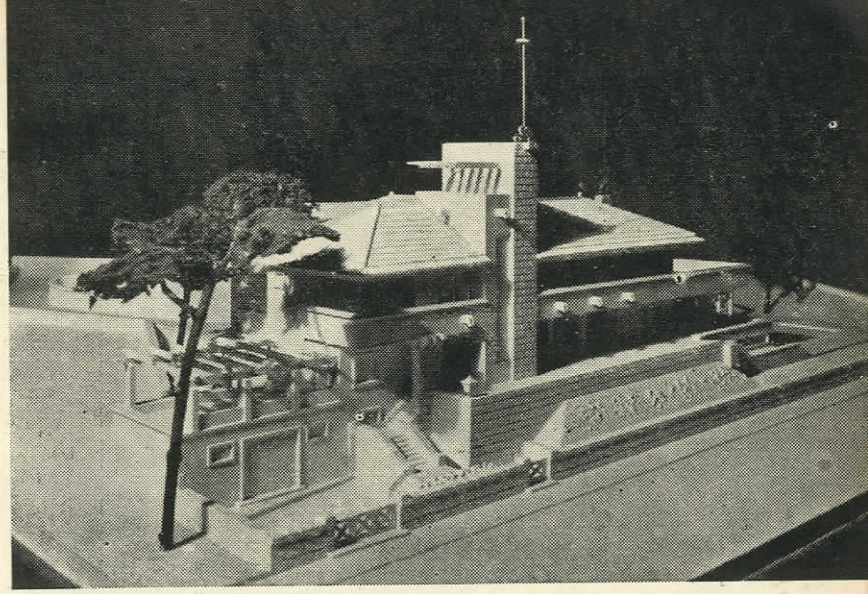
todas as dependências que, pela sua função, devessem beneficiar não só dessa orientação mas ainda do panorama que para esse mesmo quadrante se disfrutaria.

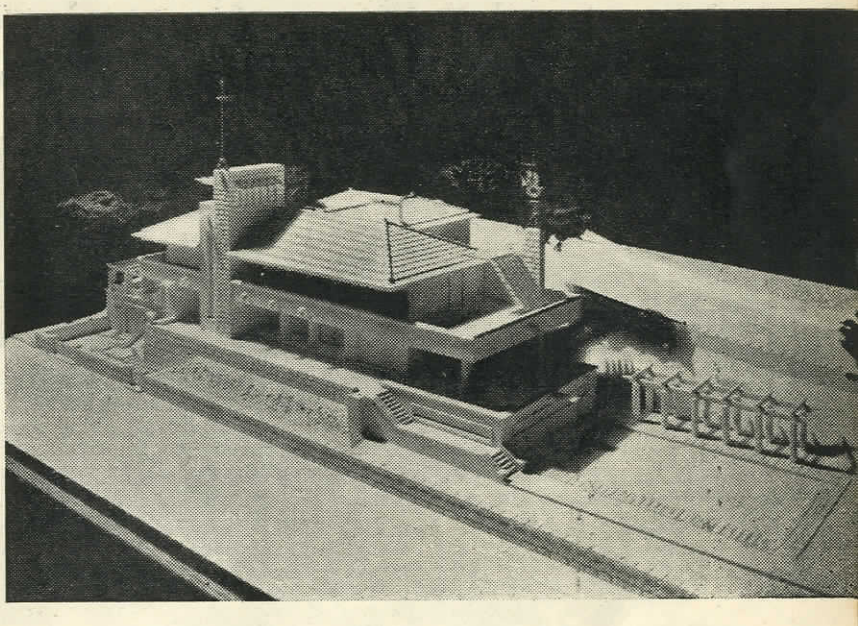
Balcões e terraços dispostos em vários níveis viriam de certo modo contribuir para que o conjunto resultasse acolhedor, evitando-se também os excessos de insolação e permitindo assim abrir francamente as dependências a Sul.

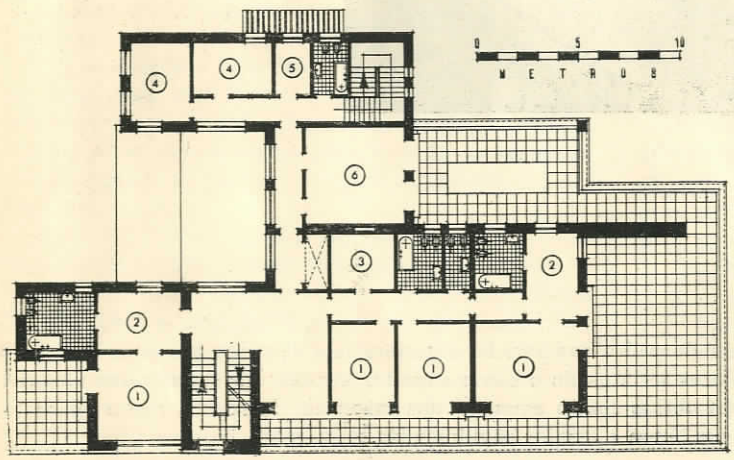
O arranjo do terreno mereceu ao autor especial atenção, sendo criados dois acessos, o principal pela Estrada Marginal e o de serviço pela avenida Sabóia. Uma piscina de recreio completa o conjunto, a Nascente, e de tal modo que, no terraço do 2.º piso, que lhe é sobranceiro, fosse possível instalar uma prancha de saltos.

2

ASPECTOS DA MAQUETTE

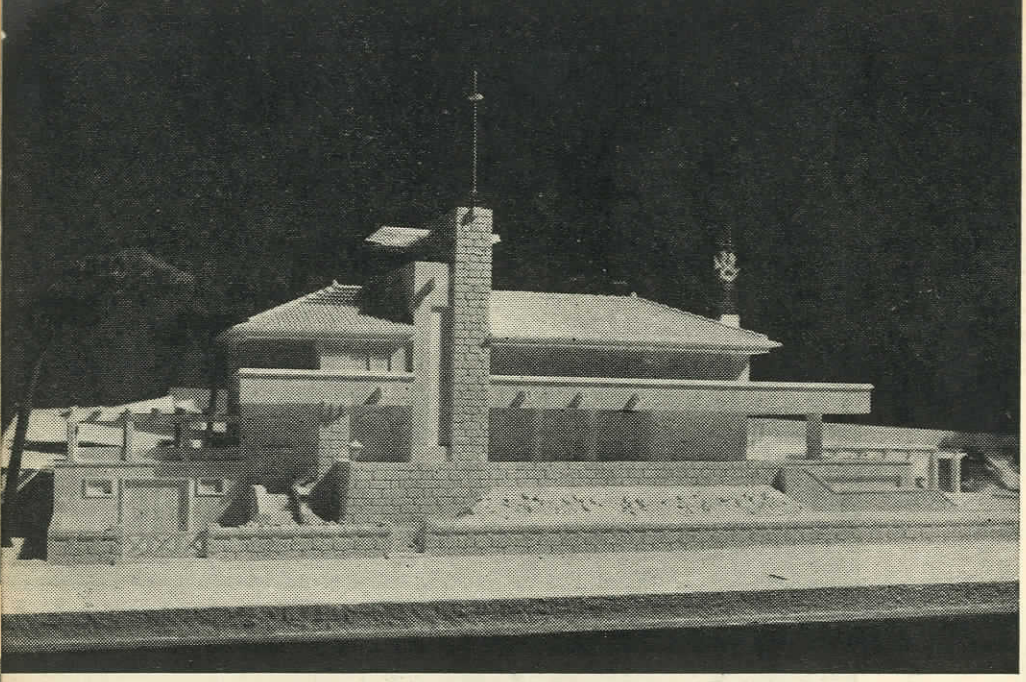




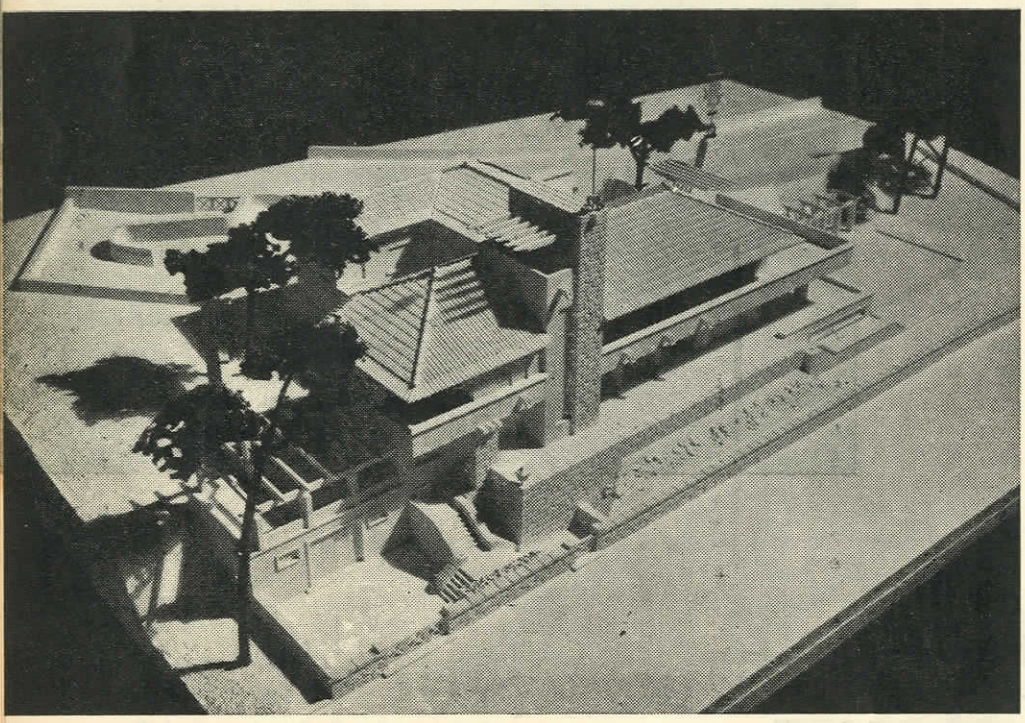


PRIMEIRO ANDAR

1 — QUARTO
2 — VESTIÁRIO
3 — ROUPEIRO
4 — QUARTO DAS CRIADAS
5 — ARRECADAÇÃO
6 — REPOUSO



OUTROS DOIS ASPECTOS DA MESMA MAQUETTE



Na construção seria usada a alvenaria de pedra nas paredes exteriores e a de tijolo nas interiores. Para vigas, lintéis, pavimentos, varandas e alguns pilares seria usado o beton armado. A cobertura seria constituída por um telhado. É curioso assinalar o feliz resultado obtido com o emprego dos materiais da região, pedra aparente, etc., em combinação com as grandes varandas em beton e amplos envidraçados.

A CARTA DE ATENAS

A quarta reunião dos urbanistas e arquitectos que, de todo o Mundo, deram a sua adesão aos C. I. A. M. (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna) realizou-se em 1932 a bordo de um navio, em cruzeiro pelo Mediterrâneo e tendo Atenas como porto de destino.

Dessa reunião, em que se levou a cabo o trabalho extenuante de analisar trinta e três cidades de dezoito países, sob os mais diversos aspectos, através de plantas, gráficos, etc., resultou um documento notável, cuja publicação iniciamos neste número.

Trata-se das conclusões tiradas dessa análise e das medidas de ordem geral propostas para fazer face ao lamentável estado de coisas a que se chegou nos núcleos urbanos, em matéria de condições de vida.

Já vão decorridos mais de quinze anos desde a elaboração da «Carta de Atenas» e a sua actualidade e o seu interesse aparecem cada vez maiores.

«A Carta de Atenas», como se diz numa recente publicação francesa de onde traduzimos o respectivo texto e os comentários com que o grupo C. I. A. M. - FRANÇA o fez acompanhar — «abre todas as portas ao urbanismo dos tempos modernos». É uma resposta ao presente caos das cidades. Nas mãos das autoridades, pormenorizada, comentada, esclarecida suficientemente, é o instrumento com o qual o destino das cidades será refundido.

---

1 A CIDADE NÃO É MAIS DO QUE UMA PARTE DO CONJUNTO ECONÓMICO, SOCIAL E POLÍTICO, QUE CONSTITUI A REGIÃO.

A unidade administrativa coincide raramente com a unidade geográfica, isto é, com a região.

A demarcação territorial administrativa das cidades tem podido ser arbitrária desde o começo, ou tem-no vindo a ser ulteriormente quando, por continuidade de crescimento, alcançou e depois englobou outras comunas.

Esta demarcação artificial opõe-se a uma boa administração do novo conjunto. De facto, certas comunas suburbanas puderam adquirir inopinadamente um valor, positivo ou negativo, imprevisível, não só tornando-se a sede de residências luxuosas, como acolhendo centros industriais intensos, ou ainda amontoando populações trabalhadoras miseráveis.

Os limites administrativos que compartimentam o complexo urbano, tornam-se então paralisantes.

Um aglomerado constitui o nó vital de uma extensão geográfica, cujo limite é constituído pela zona de influência de um outro aglomerado. As suas condições de vida estão determinadas pelas vias de comunicação que asseguram as trocas e o ligam intimamente à sua zona particular.

NÃO SE PODE ENCARAR UM PROBLEMA DE URBANISMO SENÃO REPORTANDO SE CONSTANTEMENTE AOS ELEMENTOS CONSTITUITIVOS DA REGIÃO e principalmente à sua geografia, chamada a desempenhar nessa tarefa um papel determinante: linhas de divisão das águas, cumeadas virinhas desenhando um contorno natural que conforme as vias de circulação naturalmente inscritas no solo.

Nenhum empreendimento pode ser considerado se não se adaptar aos destinos harmoniosos da região.

O PLANO DA CIDADE NÃO É MAIS DO QUE UM DOS ELEMENTOS DESTE TODO QUE CONSTITUI O PLANO REGIONAL.

2 JUSTAPOSTOS AO ECONÓMICO, AO SOCIAL E AO POLÍTICO, VALORES DE ORDEM PSICOLÓGICA, LIGADA À PESSOA HUMANA, INTRODUZEM NA DISCUSSÃO PREOCUPAÇÕES DE ORDEM INDIVIDUAL E ORDEM COLECTIVA • A VIDA SÓ SE ALARGA NA MEDIDA EM QUE SE CONCILIAM OS DOIS PRINCÍPIOS CONTRADITÓRIOS QUE REGEM A PERSONALIDADE HUMANA: O INDIVIDUAL E O COLECTIVO.

Isolado, o homem sente-se desarmado; por isso se prende sempre, expontâneamente, a um grupo.

Abandonado às suas próprias fôrças, não construirá mais do que a sua cabana e levará, na insegurança, uma vida sujeita a perigos e fadigas, agravadas com todas as angústias da solidão.

Incorporado no grupo, sente pesar sobre si a sugeição de regras inevitáveis, mas, em troca, está seguro, em certa medida, contra a violência, a doença, a fome; pode sonhar em melhorar a sua habitação e saciar também a necessidade profunda da vida social.

Tornado elemento constitutivo de uma sociedade que o mantém, colabora directa ou indirectamente nos mil empreendimentos que asseguram a vida física e desenvolvem a vida espiritual.

As suas iniciativas acabam por ser mais frutuosas e a sua liberdade, melhor defendida, não se detém senão onde ela pode ameaçar a dos outros.

Se os empreendimentos do grupo forem prudentes, a vida do indivíduo desdobra-se e enobrece-se. Se a preguiça, a estupidez e o egoísmo o arrebatam, o grupo, enfraquecido e abandonado à desordem, não traz a cada um dos seus membros senão a rivalidade, o ódio e o desânimo.

UM PLANO SÓ É SÁBIO E PRUDENTE QUANDO PERMITE UMA COLABORAÇÃO FRUTUOSA, MAS GARANTINDO AO MÁXIMO A LIBERDADE INDIVIDUAL.

Esplendor do indivíduo no quadro do civismo.

•

3 ESTAS CONSTANTES PSICOLÓGICAS E BIOLÓGICAS SOFRERÃO A INFLUÊNCIA DO MEIO: SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E TOPOGRÁFICA, SITUAÇÃO ECONÓMICA, SITUAÇÃO POLÍTICA. DA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E TOPOGRÁFICA, DA NATUREZA DOS ALIMENTOS, ÁGUA E TERRA, DA NATUREZA, DO SOLO E DO CLIMA . . .

A geografia e a topografia desempenham no destino dos homens um papel considerável.

É preciso nunca esquecer que o sol comanda, impondo as suas leis a todo o empreendimento cujo objectivo fôr a salvaguarda do ser humano.

Planícies, colinas, montanhas, intervêm igualmente para modelar uma sensibilidade e determinar uma mentalidade.

Se o montanhês desce de boa vontade à planície o homem da planície volta raramente a subir os vales e franqueia dificilmente os desfiladeiros.

São as cumeadas dos montes que delimitam as zonas de aglomeração onde, pouco a pouco, reunidos por costumes e usos comuns, os homens se juntaram em povoações.

A proporção dos elementos água e terra, quer se exprima em superfície opondo regiões lacustres ou fluviais às extensões de estepes, ou quer se exprima em espessura, dando aqui férteis pastagens, além charnecas ou desertos, talha, ela também, atitudes mentais que se inscreverão nos empreendimentos e encontrarão a expressão na casa, na aldeia ou na cidade.

Conforme a incidência do sol sobre o meridiano, as estações entrechocam-se brutalmente ou sucedem-se em passagens imperceptíveis, e, se bem que na sua rotundidade continua, a terra, de parcela em parcela, não conheça rotura, inumeráveis combinações vão surgindo, cada uma das quais com suas características próprias.

Enfim, as raças, com suas regiões ou suas filosofias variadas, multiplicam a diversidade dos empreendimentos e cada uma propõe um modo de ver e uma razão de viver individuais.

•

4 DA SITUAÇÃO ECONÓMICA: DOS RECURSOS DA REGIÃO COMO CONTACTOS NATURAIS OU ARTIFICIAIS COM O EXTERIOR . . .

A situação económica, riqueza ou pobreza, é uma das molas reais da vida, na qual determina o movimento no sentido do progresso ou da regressão.

Desempenha o papel dum motor que, conforme a força das suas pulsações, introduz a prodigalidade, aconselha a prudência ou impõe a sobriedade; condiciona as variações que desenham a história da aldeia, da cidade ou do país.

A cidade, envolvida por uma região coberta de culturas, tem o abastecimento assegurado. A que dispõe de um subsolo precioso, enriquece-se de matérias que lhe servirão de moeda de troca, sobretudo se é dotada de uma rede de circulações suficientemente abundantes para permitir que entre em contacto útil com os vizinhos próximos ou afastados.

A tenção do meio económico, se depende em parte de circunstâncias invariáveis, pode modificar-se em cada instante pelo aparecimento de forças imprevistas que o acaso ou a iniciativa humana podem tornar produtivas ou deixar inoperantes.

Nem as riquezas latentes que é preciso querer explorar, nem a energia individual têm caracter absoluto. Tudo é movimento E O ECONÓMICO, NO FIM DE CONTAS, NÃO É MAIS DO QUE UM VALOR MOMENTANEO.

•

5 DA SITUAÇÃO POLÍTICA: SISTEMA ADMINISTRATIVO.

Fenómeno mais notável que qualquer outro, sinal da vitalidade do país, expressão de uma sabedoria que espera pelo apogeu, ou toca já no declínio . . .

Se a política é de natureza essencialmente móvel, o seu fruto, o sistema administrativo, possui uma estabilidade natural que lhe permite no tempo, uma maior instalação e não permite muito frequentes modificações. Expressão de política móvel, a sua duração está assegurada pela própria natureza e a própria força das coisas.

É um sistema que, em limites assaz rígidos, determina uniformemente o território e a sociedade, impõe-lhes estatutos e, actuando regularmente sobre todas as alavancas de comando, determina no conjunto do país, modalidades de acção uniformes.

Êste quadro, económico e político, mesmo se o seu valor foi confirmado pelo uso durante uma certa duração, pode em qualquer instante ser abalado, quer numa das partes, quer no conjunto. É suficiente por vezes uma descoberta científica para provocar uma rutura de equilíbrio, fazer surgir o desacordo entre o sistema administrativo a ordem e as inferiores realizações de hoje.

Comunidades que souberam renovar o seu quadro particular foram abafadas pelo quadro geral do país. Êste, por seu lado, pode sofrer directamente o assalto das grandes correntes mundiais.

NÃO HÁ QUADRO ADMINISTRATIVO QUE POSSA AMBICIONAR SER IMUTÁVEL.

(Continúa no próximo número)